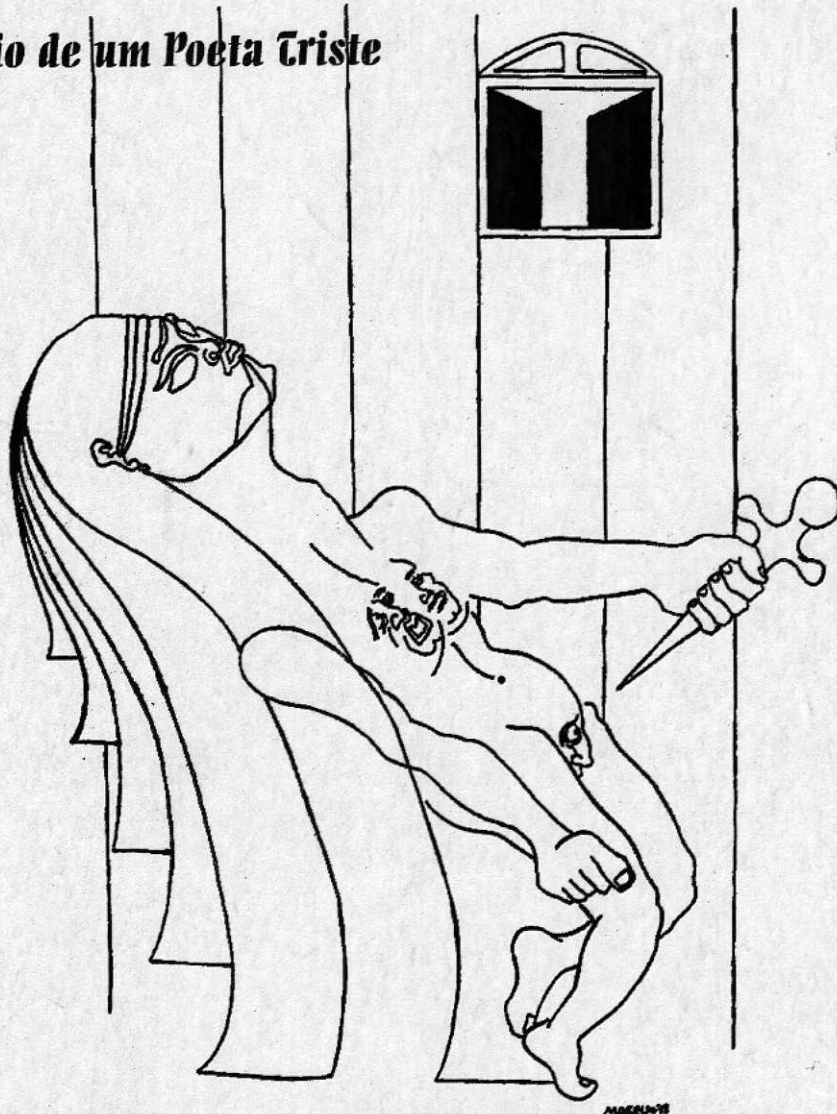


# FOGO-FÁTUO

*O Diário de um Poeta Triste*



**MAGRU FLORIANO**

BRISA UTÓPICA - ITAJAÍ/2001

**MAGRU FLORIANO**

# **FOGO – FÁTUO**

**O DIÁRIO DE UM POETA**

**TRISTE**

**BRISA UTÓPICA  
ITAJAÍ/2001**

A você  
minha amiga Nair Therezinha  
que descansa serena  
na base de um outeiro  
à sombra de uma velha árvore  
[Flor-de-abril]  
no Cemitério Municipal  
de Joinville.

# INTRODUÇÃO OU UMA INTERPRETAÇÃO LIVRE SOBRE O DESENHO DA CAPA

O desenho da capa é datado de 1978 e só sobreviveu à lixeira de meu quarto porque meu primo Edson Luis Pedro (Miúdo), dali o retirou para colocar na parede de seu escritório. É que por volta de 1980 havia decidido parar de pintar e desenhar, porque considerava todos os meus desenhos, charges, pinturas, desprovidos de qualquer valor estético. Quer dizer, foi tudo para o lixo.

Como este livro de poesia tem como ponto de referência uma reflexão sobre a morte (social), lembrei do desenho e resolvi colocá-lo na capa como uma síntese filosófica sobre o que penso a respeito deste tema tão polêmico. Uma interpretação livre deste desenho (não é a única possível) pode considerar os seguintes pontos:

**LISTAS VERTICAIS** – representam as normas impostas pela sociedade que oprimem o sujeito. A sociedade existe porque cada indivíduo cede parte de sua liberdade natural. Deste processo surgem as neuroses...

**CABELOS DESALINHADOS** – os cabelos estão desalinhados em relação às normas sociais (listas verticais), simbolizando que o indivíduo se rebelou contra a sociedade e suas imposições.

**CORPO ARCADADO PARA TRÁS** – a rebeldia contra o sistema pesa sobre o corpo do sujeito, que tem de lutar para continuar de pé.

**MÁSCARA** – por tudo isso, o indivíduo não pode ser ele mesmo. A sociedade lhe impõe tantas normas (moral, etiqueta, religião, ideologia...) que o sujeito deve sempre estar usando uma máscara civilizatória, que substitui sua verdadeira face. O Eu social é uma máscara de convenções ... está trilhado o caminho da neurose e da infelicidade.

**ROSTO VERDADEIRO NO VENTRE** – por outro lado, a verdadeira face do sujeito, sua fisionomia, foi transferida para a região genital, evidenciando que o verdadeiro Eu está mais vinculado ao instinto, ao subconsciente...

**PUNHAL AMEAÇANDO O ROSTO** – a sociedade exige a morte do nosso mundo subjetivo, instintivo. Nos cobra a *coerência da máscara*. Quer dizer, o homem civilizado é um homem educado, não-natural, feito um ator em baile de máscaras. Mesmo colocando sua personalidade para um segundo plano, a sociedade coloca um punhal à sua frente numa contínua ameaça contra possíveis atos de rebeldia.

**OUTRAS MÁSCARAS** – para aliviar a tensão da perda de sua verdadeira identidade, a sociedade oferece ao sujeito a recompensa de possuir diversas máscaras, que podem ser utilizadas de conformidade com a ocasião, através de papéis, funções, status...

JANELA ABERTA – a morte da personalidade/subjetividade humana não é o único caminho possível, pois entre as convenções e imposições sociais há uma janela entreaberta. Entre tantas obrigações o sujeito que luta pode encontrar uma saída. Lá fora o mundo não tem listas verticais e o livre-arbítrio é possível.

Em síntese, podemos considerar que a sociedade cobra do sujeito que cometa um suicídio, matando o seu verdadeiro Eu, passando a viver conforme as convenções. Mas, ao mesmo tempo, o sujeito pode enfrentar esta situação e visualizar a sua utopia, uma sociedade onde o coletivo pode viver em harmonia com o individual.

Os versos contidos neste livro, contudo, propõem uma reflexão um pouco mais ampliada sobre o tema, porque pretende estabelecer justamente um outro contraponto para a alternativa do sujeito ter de fugir do seu meio social (janela aberta) para poder deixar viver sua personalidade. O contraponto é no sentido de mostrar que o sujeito não deve fugir da luta e não deve aceitar sua morte enquanto ser que tem o poder de fazer sua história e interferir na trajetória da história coletiva de todos os homens. Deve, ao contrário, lutar com todas as suas forças para não morrer, ao mesmo tempo se esforçando para mudar esta sociedade.

**Fogo-Fátuo**, portanto, não é um livro que trata sobre a morte física de uma pessoa – mesmo porque esta se impõe absoluta, acima de qualquer vontade pessoal ou pretensão de grupo. A morte que está presente em seus versos é a morte social: a falta de cidadania, de solidariedade, de compromisso com a comunidade, e a morte do sujeito dono de sua própria história e construtor social.

Portanto, longe de ser um livro triste **Fogo-Fátuo** é uma declaração de amor às pessoas e uma confissão de engajamento na luta pela transformação social. Morrer, é não participar da comunidade e não comungar.

Só assim podemos interpretar os versos:

Morri ontem

**Meu verso/verbo**

**É hoje.**

É o sujeito relatando/denunciando sua morte como sujeito/cidadão e na resistência insistindo em construir um hoje. Só morre quem desiste, e **Fogo-Fátuo** foi feito para os Espíritos Livres que ainda ousam pensar um mundo melhor.

**Fogo-Fátuo** é uma mensagem de esperança na vida, e por isso, somente por isso, fala tanto sobre a morte.

FICHA TÉCNICA:

Desenho de capa: Magru Floriano

Criação visual, editoração eletrônica e arte-final:

Revisão dos originais:

Sílvia Sant'Anna Braga dos Santos

Izabel Cristina Mendes (Bel Mendes)

FLORIANO, Magru. **Fogo-Fátuo: o diário de um poeta triste.**

Itajahy: Brisa Utópica, 2001.

## FOGO-FÁTUO

Agora,  
Que sua presença  
É apenas fogo-fátuo  
Nosso amor  
Dói mais profundo  
Alimentado por lascas  
De saudade.

Agora,  
Nossos motivos  
Parecem mais vivos,  
Nossos olhares  
Mais cúmplices.

Agora,  
Tudo parece diferente,  
Mas não passa,  
    ... Bem sei,  
De brilho efêmero, aparente,  
Fogo-fátuo  
Sobra de uma existência.

Agora,  
Que tudo se fez passado  
Restam-me lembranças.

## QUERO O SILÊNCIO

Quando eu morrer  
Não pedirei reza  
Nem cânticos sacros,  
Pois disso já não gostava  
Antes.

Quando eu morrer  
Dispensarei as flores  
Por que em vida  
Alegrava-me em vê-las  
Vivas  
Colorindo o mundo.

Quando eu morrer  
Aceitarei um minuto de silêncio  
Que é o tempo possível  
De uma pessoa pensar  
Exclusivamente  
Em outra pessoa.  
E pensando em mim,  
    ... Os que ficarem,  
Devem economizar lágrimas  
Pois a vida não vai  
Dispensá-las.

Quando eu morrer  
Guardem todos os discursos  
Rimas e encenações  
Porque na morte  
O silêncio é a única  
Retórica plausível.



## ANGÚSTIA

Noite fria  
Chuva intermitente  
Angústia lancinante.

No silêncio da noite  
Ouço o pungir rítmico  
Produzido pela falência da razão  
Necrose absoluta da existência.  
Não há mais motivos.  
A noite está mais fria  
A chuva canta a ladainha das gotas  
E a angústia pulsa, lateja,  
Jorra por entre meus dentes  
Como líquido infecto, purulento.

Meu corpo  
Largado no tapete da sala  
Goteja angústia.

## CONTEMPLANDO

À sombra  
De uma figueira centenária  
Próxima ao Mercado Público  
Molho meus pés  
Na água fria do Itajahy-açu.

Barcos chegam  
Barcos passam  
Biguás, garças e pescadores de siris  
Labutam pela vida,  
Enquanto gaivotas e fragatas  
Tomam banho de sol  
No trapiche abandonado  
Da indústria de pesca Comard.

Urubus  
No telhado do Mercado  
Perfilados, aguardam contemplativos  
A vida se desfazer.

Entre os que lutam pela vida  
E os que vivem da morte  
Apenas, molho meus pés  
Na água fria do Itajahy-açu.

## TEMPO

Ando pelas ruas da cidade  
Sem rumo  
Sem intenções.

Passo,  
E deixo o tempo passar  
A cada passo  
Um pouco mais.  
Ando pelas ruas da cidade  
Deixando tudo passar:  
Eu  
A cidade  
O tempo.

## **SABOR**

Rio doce  
Mar salgado  
Cidade sem gosto  
Cotidiano em desespero  
Pessoas sem tempero.

Carros e edifícios  
No tom cinza da melancolia.  
Cotidiano e desespero  
De homens descorados  
De cidadania.

## VERSOS PÓSTUMOS

Morri ontem  
Ao entardecer de minha vida  
Tardia.  
Morri por pura distração  
Ou, quem sabe até,  
Por simples falta de motivação.

Morri ontem  
Mas, volto a escrever hoje  
Porque ser poeta está em mim  
Para além da discussão  
Sobre física e metafísica  
Corpo e alma,  
Vida e morte.

Morri ontem  
Meu verso/verbo  
É hoje.

## AUSÊNCIA

Cama larga  
Cama imensa  
Cama vazia de ti.

Tento dormir, em vão.  
Tua ausência está presente,  
És insônia.

Olho para o lado direito  
E vejo teu corpo ausente  
Cama vasta  
Cama ampla  
Cama triste  
Na ausência do amor.

Busco o cheiro dos teus cabelos  
Morenos, ondulados,  
E encontro saudades.  
Amor e insônia  
Delineiam tua ausência.

Tento me conformar  
Pensando que foi por descuido,  
Por pura desatenção,  
Que levastes entre tuas meias e pequenos objetos  
Meus sonhos e sonhos.

Na tua ausência, morena  
Nem durmo, nem sonho,  
Apenas espero resignado  
Tua volta improvável.

## VIDAS SECAS

Setembro está chegando  
Ao seu final  
E traz consigo  
A agonia de um inverno seco.

As lágrimas dos agricultores  
Com fome  
Não encharcam a sensibilidade  
Das gentes urbanas.  
Aqui, entre asfalto e cimento,  
O melhor é não chover  
Porque as árvores e arbustos,  
Enfileirados nos canteiros centrais  
Das alamedas,  
Ainda assim florescem  
Antecipando a nova estação.

O inverno é seco  
Em harmonia com nosso espírito urbano.

Aqui, entre asfalto e cimento  
Comemos enlatados  
Banhados em conservantes.

Aqui, o melhor é não chover  
Em nossas vidas limpas  
Em nossos corpos limpos  
De vida e emoção.

Aqui é assim: seco!

## PERDIDO NA REALIDADE

Que farei agora  
Que acordei  
Do sono que  
Consome todas as tardes?

Ainda é dia  
E a chuva cai triste  
Há vida esperando ser vivida  
Há lágrimas e feridas.

Que farei agora  
Que tudo é real?  
O choro é choro  
E a morte me espia na esquina,  
Sorradeira, dissimulada,  
Escondida por entre sorrisos  
E falsos sentimentos de felicidade  
Trazidos por nossos hábitos  
De urbanidade.

Que farei  
Se já não sei viver?  
Se desaprendi, fiquei sem jeito?  
Que farei ...



## **MODERNIDADE RECUSADA**

Agora que o mar está sujo  
Onde iremos lavar nossa cultura?  
Jogar as cascas de nosso apetite civilizatório?  
Depositar as embalagens de nossos desejos de plutocratas?

E agora - onde?

Onde iremos desaguar nossas fezes e escarros?  
Para onde levar a água com a qual lavamos  
Nossas mãos civilizadas e higiênicas?

Se o mar já não mais aceita ser latrina  
Se o mar já não mareja, manso e receptivo  
Se o mar já não copula  
Com nossos detritos e excrementos civilizatórios.

E agora? Onde jogar nossa modernidade?

## HÁLITO PODRE

Adeus, amor  
Estou indo morrer na esquina  
Sentado na mesa do Bar do Dinho  
Em companhia de bêbados,  
Drogados e prostitutas.

Vou morrer na esquina  
Respirando o hálito dos párias.

Adeus, amor  
Estou indo morrer na esquina  
Tomando cerveja  
Jogando dominó  
Longe de livros e burgueses  
Sem o banho tomado ou a barba feita  
Dentes escovados  
E perfume do Boticário.

E pra não pensares que esqueci de ti  
Na primeira gaveta do meu criado mudo  
Deixo saudades...

## PLÁGIO EXISTENCIAL

“Quero da vida, apenas vida”  
quero seguir o curso  
da minha natureza  
sem objetivos ou outras intenções  
senão viver.

Que o fim único  
Seja respirar, olhar, sentir ...  
As coisas todas  
Que estão ao meu redor.

Quero da vida, apenas vida.  
E a bagagem que levo  
Que seja leve, despojada:  
Nada além de mim.

Quero estar nu de desejos,  
Projetos e filosofias  
Quero poder trocar de idéia  
Ou de conceitos  
Com a mesma naturalidade  
Com que uma amendoeira  
Solta na brisa matinal de outono  
Suas folhas avermelhadas e ressequidas.

Quero da vida, apenas vida.  
Quero apenas o que não me é permitido  
Não querer:  
Que o meu coração pulse  
Meus pulmões respirem  
Meus olhos olhem  
E minhas pernas sigam  
Sempre em frente  
Por esta trilha íngreme  
Em direção ao mar.

Quero da vida  
Deixar-me ao mar.  
E que meu corpo, como nau  
Singrando por entre enganos e lamentos  
Encontre na morte  
Um porto seguro  
Então ...  
Nada mais quero  
Sequer a vida.

## MANIFESTO POÉTICO

Nós, os poetas  
Denunciamos a ignorância da ciência.  
Como guerreiros da pós-modernidade  
Reclamamos pelo império da emoção.  
Teremos homens lúcidos que choram  
Soldados que se negam a matar  
Cientistas que esquecem de saber.

Nós, os poetas  
Denunciamos a arrogância da ciência.  
Como profetas de um novo tempo  
Reclamamos pelo fim  
Desse mundo neutro, isento e cinza,  
Descomprometido com a felicidade.  
Teremos a utopia:  
Um mundo justo  
Habitado por homens que amam  
Fraternos, libertários e igualitários.

Nós os poetas  
Denunciamos a ciência  
Perante a corte dos mundos.  
Queremos julgá-la  
Por atentado contra a vida.

Teremos homens lúcidos que choram  
Teremos a utopia.  
Poetas:  
**LIBERDADE OU NADA!**

## EDUCADOR

Nunca diga

- estou formado!

A vida exige, vida.

A vida exige que seja vivida.

Diga assim

- estou construindo!

- Estou em construção!

Nunca aceite forma

Nunca seja forma

A vida exige liberdade

A liberdade de se construir educador

Um pouquinho melhor a cada dia.

A vida exige amor

E a Pedagogia é só amor.

A Pedagogia é vida em construção

É uma obra feita de sorrisos.

Nunca aceite forma

Nunca seja forma

A vida é um longo caminho

Que a cada dia

Anuncia uma nova jornada.

Nunca diga

- estou formado!

A vida, exige vida

A vida exige que seja vivida.

Diga assim:

- estou construindo!

- Estou em construção!.

## SOLIDARIEDADE

Venha comigo  
Me dê a mão  
Estenda a outra...  
Pegue em mais uma mão.  
Sorria sempre  
Gire no mesmo sentido do grupo.  
Nesta brincadeira de roda  
O faz-de-contas  
Alegra o coração.

Venha comigo  
Me dê a mão  
Estenda a outra  
Para distribuir o pão.  
Fale sempre palavras justas  
Semeie compaixão.

Venha comigo  
Me dê a mão  
Estenda a outra  
Não diga não.  
Veja pelo cego;  
Ande pelo aleijado;  
Ame pelo cético;  
Sorria com o coração.

## MÃE

Mãe  
Onde está o leite  
Que teu filho implora em prantos?

Mãe  
Onde está  
O olhar complacente  
O abraço quente  
O beijo suave  
A palmada consciente?

Mãe  
Onde está teu corpo  
Que teu filho implora abrigo?

## NOITE

A noite é torta  
E nela nada se diz por inteiro  
E nela nada se faz por inteiro  
Porque há sempre a espera  
Do raiar do sol.

A noite é impura  
E nela nada se cria com força  
E nela nada se ganha com honra  
Porque há sempre a espera  
Do arrependimento.

A noite é vazia de razão  
E nela tudo que brota é sentimento  
E nela tudo que chama é por piedade  
Porque há sempre a espera  
Pela lágrima silenciosa da compaixão.

A noite é penitência  
E nela tudo que geme é prazer  
E nela tudo que sorri é disfarce  
Porque há sempre a espera  
Do castigo.

A noite é suja  
Porque é feita de ansiedade  
Porque é feita de frustração...  
Daquilo tudo que o dia sempre esconde.

A noite é escaramuça  
Armadilha, latrina!  
Nela o homem se desfaz  
Esperando o nascer do sol  
Como um parto  
Que a cada dia o renova.



## ANGÚSTIA

Angústia!  
Busco no dicionário  
Seus sinônimos.  
Busco na vida  
Seus motivos.

Angústia!  
Meus versos choram por mim  
Cada letra é uma lágrima  
Cada palavra, triste gemido  
Expressão de dor e devaneio.

## CONDENADOS

Olho passivo,  
Quase triste,  
Para um aquário a minha frente.

Duas imagens se misturam:  
A dos peixes,  
                  pequenos e coloridos  
Nadando em círculos;  
E a minha própria,  
Refletida no espelho d'água.

Somos animais condenados a viver.  
Peixes e homens  
No esforço ininterrupto  
De evitar bater com a cabeça  
Contra as paredes.

Somos animais viciados em viver.  
Peixes e homens  
Nada mais queremos ou idealizamos  
Fora da sincronia/harmonia  
Do balé cotidiano da vida.

Somos animais drogados pela vida.  
Há muito perdemos a consciência  
Os porquês de nossa existência.  
E a sincronia de nossos gestos tristes  
A harmonia de nossos sentimentos tristes  
Apenas perpetuam nossas vidas tristes.

Somos animais tristes  
E nada mais há.

## **AINDA CONSIGO OUVIR PARDAIS**

Hoje ouvi pardais.  
Entre os galhos de uma árvore  
Brincavam de pega-ladrão.

Hoje ouvi pardais.  
Brincavam na vida  
Soltos e felizes...

Hoje sofri  
Lembrando de mim.  
Ouvi pardais  
Que diziam brincando:  
“O homem não sabe ser feliz”.

## CORDEIROS

Ali, onde o rio faz a curva  
Para desviar do sol  
Que morre lento  
Coberto de vermelho  
Ali, é Cordeiros!

O barco risca o rio  
A balsa transporta olhares  
Os ônibus, vermelhos,  
Vomitam braços de trabalhadores exaustos  
Que mal percebem a beleza  
Que há em sua volta  
Na volta cotidiana do trabalho.

Ali, é Cordeiros!  
Cidade-dormitório  
Dos corpos cansados dos homens  
E do próprio sol  
Que ali deita manso  
Na companhia dos justos.

O sol que é companheiro dos fortes  
É solidário também na hora do sono.  
Ali, onde sol e homens  
Deitam corpos cansados  
Ali, é Cordeiros!.

## VESÂNIA

Tenho parado no meio da rua  
Entre carros apressados  
Na chuva.

Tenho desfeito meus atos  
Espindo-me da seriedade  
Que estes anos me exigiram acumular.

Tenho calado  
Para dizer que sei mais.

Tenho abandonado meu Antes  
Esquecido de pensar meu Depois  
Tenho vivido Agora.

## NATAL DE LUZ

As ruas das cidades  
Cobertas por um enxame de pequenas  
Lâmpadas coloridas  
Anunciam festivamente:  
É Natal !

Mas, se o gemer de fome  
De uma criança abandonada  
Tivesse o poder de apagar uma dessas lâmpadas  
Nossas ruas seriam tristes  
Palco para um coral de lamúria e sofrimento  
De um povo que morre à mingua  
No meio de muita fartura e desperdício.

É Natal !

Mas, se o choro compulsivo  
De uma criança que sente frio  
Tivesse o poder de apagar uma dessas lâmpadas  
Nossas ruas seriam escuras  
Tão negras quanto as bocas  
Desse povo largado à própria sorte  
Massa esfarelada nas mãos do destino.

É Natal !

As mensagens de Jesus Menino  
Foram trocadas por pequenas lâmpadas  
Iluminando a consciência dessa gente tola,  
Povo vesano, demente  
Cujo coração é um fosso escuro  
Templo de egoísmo e pleonexia.

Jesus Menino é luz  
Quando deveria ser exemplo.  
Mas... é Natal !

## AUSÊNCIA

Neste Natal  
Não quero *presente*  
Quero *ausente*.

Neste Natal,  
O último do século,  
Quero sentir a ausência  
Das crianças abandonadas  
Nas ruas das cidades rudes;  
Quero registrar a ausência  
Do instinto fratricida dos misantropos.

Neste Natal  
Quero sentir falta,  
    A feliz ausência,  
Dos filhos paridos prematuros  
Do egoísmo mercantil.

Nada mais quero:  
Tevê, cedê, carro, relógio...  
Ou abraços compensatórios.  
Nada mais quero  
Senão ausências.  
Entre presentes  
Quero ausentes...  
Que todos, então, vestidos de branco,  
Possam celebrar  
A fraternal ausência dos males  
Que ao longo deste século  
Sempre estiveram **presentes**.

## GALHOS SECOS

Em cada esquina  
De minha cidade,  
Próximas a canteiros bem cuidados,  
Vejo crianças com mãos estendidas  
Pedindo um pouco da atenção  
Que dispensamos às flores.

Minha cidade  
Aduba terra para ver florir  
Begônias e azaléias...  
E joga no meio da rua  
Crianças rotas, rudes...  
...de olhares famintos.

Tristes esquinas  
Cenários de contraste:  
Flores cuidadas, crianças largadas,  
Cepas abortadas  
No útero civilizatório.



## PÁGINA EM BRANCO

Suave face  
Qual pétala de rosa  
Ainda a desabrochar.  
Há em ti  
Tempo-espaco para tudo fazer  
... e desfazer.  
Há lugar para sonhar  
E cantos para abrigar  
Lágrimas e letras.

Virginal planície  
Útero do poeta  
Nascedouro de emoções  
Abrigo.

## DOAÇÃO

Não me peçam esmolas  
Porque só sei me dar por inteiro.  
Não me peçam moedas,  
Porque sou todo emoção.  
Não me peçam ...  
Porque há muito me doei ao mundo.  
Portanto, nada mais tenho  
Senão amor.

## CONTABILIDADE FINAL

Fazendo as contas  
Nestes cinquenta anos  
De existência atribulada  
De muitos passos e pouca fala  
Restou-lhe:  
Meia-dúzia de coroas de flores  
Algumas dezenas de lágrimas  
Uma centena de olhares perdidos  
Em algumas faces tristes  
Por sua partida imprevista.

É só!

## OS POMBOS

Enquanto penso na vida  
Enquanto dou passos tímidos sobre a calçada  
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira  
Dando vôos rasantes entre as figueiras  
Da agência dos Correios  
E a torre da igreja do Colégio Salesiano.

Livres de grades e compromissos  
Livres de agendas e calendários  
Livres de qualquer racionalidade – vivem!

Após catar alguns grãos de milho de pipoca  
Servidos pelos pequenos estudantes,  
Ou a semente que o vento retira da velha figueira,  
Voam para o telhado da igreja  
E ficam horas contemplando os homens e seus feitos  
Dando boas gargalhadas  
De tanto desatino e despropósito.

Livres, apenas livres,  
Os pombos sobrevoam a Gil Stein Ferreira  
Arrulhando em tons suaves  
Como que cantando a simplicidade da vida.

Todo o resto  
Se faz desnecessário.

## SÓ ME RESTA VIVER

Cheguei aos quarenta e três anos  
Querendo menos  
Nada além de tempo e paciência  
E um lugar calmo onde possa escrever.

Cheguei até aqui  
Para parar com tudo  
Sem nada querer além de um lápis  
E uma folha de papel.

Não tenho sonhos ou pretensões,  
Ideologia, religião, filosofia.  
Não creio, não descreio,  
Não acredito, mas não desacredito.  
Simplesmente não penso  
Sobre Deus e todos os deuses,  
Porque estou impregnado de saberes sobre eles,  
E também contra eles.  
Spinoza, Freud, Marx, Fernando Pessoa, Nietzsche  
Já disseram e já pensaram tudo.  
Agora, a mim, resta pouco.  
Resta a doce tarefa de viver  
Sem complicações, ou muitas explicações.

Por que tenho de ser famoso?  
Passar pelas pessoas na rua  
E ser apontado com admiração?  
Por que tenho de ser mais?  
Ter sucesso, crescer, ser alguém em especial?  
Será que a terra é mais piedosa  
Com os corpos dos ilustres?  
Será que o tempo poupa vaidades?  
Será que os vermes evitam, por respeito,  
Os corpos dos poderosos?

Somos todos iguais  
Somos quase nada.  
Abaixo da terra, então,  
Somos apenas o que os outros conseguirem  
Lembrar a nosso respeito:  
Vaga lembrança ou imagem cultivada.

Nosso destino é deixar de ser  
E nossa arrogância reside unicamente  
Na insistência em negar tal destino.

## SECA EXISTENCIAL

Hoje, acordei mais cedo  
Para ver a chuva cair  
Sobre as cabeças das pessoas.

Não me lembro de vê-las felizes, agradecidas  
Debaixo de sombrinhas  
E guarda-chuvas pretos, sombrios.  
Protegidas com sobretudos sóbrios e impermeáveis  
As pessoas lamentavam a chuva  
Que molhava seu cotidiano seco.

Nestas horas contemporâneas  
Não há tempo para o úmido  
O molhado é sujo  
E a vida tem de ser seca  
Como nossos sentimentos e propósitos.

Nestas horas contemporâneas  
Basta não sair da rotina  
É suficiente repetir o dia anterior  
É desejável tudo ser apenas previsível.  
Assim, fica fácil mexer no humor das pessoas  
Basta tirar um cisco do seu cotidiano.

As pessoas sofrem, se angustiam  
Diante da novidade ou da exceção.  
Desnorteadas, ficam até agressivas.  
Querem a tranquilidade, a certeza,  
A garantia da rotina.

A chuva cai sobre suas cabeças  
E cada pinga é uma ameaça  
Não há mais vida para nutrir-se dessa água  
E a chuva já não serve a qualquer propósito.  
A chuva que nutria flores e plantas  
Hoje apenas molha o asfalto preto.  
Acontece que o asfalto preto

Não precisa ser molhado,  
Muito menos as pessoas.

Estas horas contemporâneas  
São horas de um mundo seco  
De intenção e razão.

O que tenho de fazer para molhar-me?  
Como não desejar a secura  
Da vida estável e confortável?

Espero um dia  
Um pingo cair sobre minha testa  
Para me ungir e libertar  
Desta tranqüila e serena servidão.  
Basta um pingo d'água  
Em minha testa seca  
Para molhar meu destino  
Desmanchar meus propósitos.  
Água que é apenas água  
Com o dom de me devolver à vida.  
Então, terei meus pés descalços, sujos, esfolados.  
Terei meus sonhos,  
Dificuldades, problemas reais, dores e feridas.  
Ungido – serei real!  
Um ser com problemas reais  
Feliz por tê-los. Feliz por tê-los!

Nossas existências são farsas  
Nossos problemas são nada.  
Nossos desejos quase piadas.  
Nossos motivos são ficção:  
A terra virando asfalto  
A casa virando asilo  
A vida...  
A vida nada significando ou justificando.

## SHOPPING CENTER

Angústia, tédio.  
Não há sentido, sequer propósito,  
Em se viver  
Quando diversão é Shopping Center e televisão.  
A vida abandonou a todos  
Sem nos dizer.

O homem se desfaz da vida  
Ao entrar no Shopping Center  
Para ver o último filme  
Vencedor de um “Oscar”.  
Morto de si  
Morto de intenções  
Sobra a alguns poucos  
Sentirem-se angustiados.  
Angústia de ter a garganta seca  
Em uma existência seca.

Tédio. Segunda-feira longa  
Nos esperando nos cantos da vida.  
Temos compromissos,  
Faltam-nos propósitos.

Quando saberemos viver?



## ITAJAHY

Minha terra é terra  
E também mar.  
Itajahy é a borda do mundo  
A renda da toalha  
Que enfeita a mesa de minha vida.

Pelas calçadas do Mercado Velho  
Piso em escamas de peixe  
Que brilham como se fossem lantejoulas  
Aplicadas em uma cidade enfeitada para o cotidiano.  
No Mercado de Peixes  
Vejo turistas comprando lagostas e sargos  
Enquanto fico com alguns quilos de sardinha.

Minha terra é terra  
E também mar.  
Meu carro é barco  
Que por Itajahy vive a navegar.  
Itajahy é meu mundo  
Minha ilha retiro ..... ou exílio.

Pequena cidade  
Escondida no mapa desse Brasil grande.  
Teus limites são meus limites.  
Itajahy ! Itajahy!  
Pequena bala, dulcíssima,  
Que esqueci no canto da boca.

Cidade plana  
Que o sol reluta em deixar.  
És terra! És mar!.

## NEBLINA

A noite cai  
No vazio do meu corpo  
No vão de uma existência vã.

A noite cai  
Sobre meu corpo escuro  
Desfeito entre neblina e neon.

Corpo escuro  
Noite escura  
Existência desfeita  
Na neblina de uma noite comum  
De inverno.

Ando pelas ruas de Itajahy  
Fazendo das azaléias  
E de uma neblina quase garoa  
Minhas cúmplices.

## **CUMPLICIDADE**

Sou cúmplice de mim mesmo  
Por tudo o que não sou  
Ou deixo de ser.  
Fútil, banal, cotidiano,  
Aceito meus defeitos  
Para continuar vivendo.

Vida: pacto medíocre  
Entre a futilidade e o permanecer.

## TÉDIO

Vejo esses jovens  
Brincando de freqüentar os bancos escolares  
E sinto tédio ..... Muito tédio!

A escola tornou-se uma piada  
Que sequer me faz rir.  
Os jovens brincam de copiar e decorar frases  
Colecionam notas, histórias, romances e festas.

Vejo esses jovens sentados nos bancos escolares  
E nem consigo mais sentir pena  
Sofro apenas por saber que nosso futuro  
Já não será possível.

Há um senso de mediocridade incrustado.  
Professores substituídos por animadores  
De programas de televisão  
*“...vai para o trono ou não vai?”*  
Cientistas e filósofos  
Substituídos por sócias de Gugu Liberato.  
Enquanto Leila Diniz nem é lembrada  
As meninas cultuam “Tiazinha” e sua chibata.

A aula virou um show de vulgaridades  
E aos sérios nada mais restou.

Sinto tédio  
Por estar condenado a não ver o futuro.  
Contudo,  
Não desisto:  
Sei que a guerra está perdida  
Mas há batalha que pode ser vencida.  
Se é o que resta...  
Basta-me o consolo  
De ainda estar na luta!

## MAREJADA

Bafo de mar  
Que se faz brisa  
Impregnando a terra de maresia.

Bafo de mar  
Cadenciado ao som da marejada  
Espalhando o cheiro do “charuto”  
Que estala sobre a brasa.

Bafo de mar  
Que nos traz a marejada  
Das pequenas ondas  
Morrendo de mansinho  
No Saco da Fazenda.

Itajahy tem teu cheiro  
Oh, mar majestoso!  
Itajahy tem teu som:  
A sinfonia da marejada.

## ESTAÇÃO DOS AFLITOS

Nesta cidade cinza-metálico  
Onde tudo é indiferente  
Há uma caixa das emoções  
Onde os sentimentos se revelam  
As lágrimas correm em cascata  
Os abraços são fraternos.

Um ônibus parte ...  
... outro chega manso.  
A estação repleta de vida  
Transborda de emoções.

A estação é uma caixa das saudades  
Que humaniza a cidade:  
Chora o filho ao beijar o pai  
Chora o amigo que abraça o outro  
Chora o esposo que abraça a mulher  
E uma freira que acena no vazio ...

Estação das emoções  
Nem primavera, nem outono,  
Estação dos aflitos.

## **CHUVA**

O que é a chuva?

A chuva é um coral de gotas

Que canta em homenagem à vida.

## O INÚTIL

Fez o favor  
De morrer no feriado  
Para não tirar as pessoas do trabalho.  
Fez o favor  
De morrer em um dia de chuva  
Para não tirar o dia de praia  
Dos seus amigos e parentes.

Era um inútil.  
E fez o favor de morrer  
Sem atrapalhar os outros.

Era um inútil.  
Mas por saber a arte  
De não atrapalhar,  
Mereceu de todos  
Respeito e admiração.



## MINHA GEOGRAFIA

O Itajahy-açu  
É o rio da minha veia.  
Itajahy é minha **corpocidade**  
Meu país e mundo.

## MACHADOS

Naquela estrada de barro batido  
Onde deixei passos e anos  
Rememoro tempos  
De uma infância feliz.

A pequena igreja  
Dando sombra, nas manhãs de verão,  
Ao velho cemitério  
E ambos, igreja e cemitério,  
Contemplando o Itajahy-açu  
Se preparando para banhar  
A boa gente de Itajahy.

Ali onde *Machados* é poeira e campo  
Pessoas simples comungam  
O cotidiano da forja de uma comunidade.

Ali! Quantas noites aqueci meu corpo  
No calor do fogão à lenha de Tia Pequena.  
E menino da cidade,  
Vi, toquei,  
Entre admirado e assustado  
Galinhas, porcos, vagas e bezerros.  
Cortei cana para o gado  
Comi goiaba e jabuticaba  
E corri de bois enfurecidos.

Ali! Quantas vezes dormi de cansado,  
Com os pés sujos de terra,  
No sótão da casa de madeira,  
Por cima das sacas de milho e feijão.  
E, na rinha do Tio Olímpio  
Vi galos ensangüentados  
Nas brigas, com esporas de metal.  
*Machados*, não é apenas um lugar ... é vida!  
Ali, fiquei para sempre encharcado  
Pelo orvalho das manhãs.

## **VERBO**

Como poeta  
Durmo sobre letras  
Cubro-me de palavras  
Sonho frases e versos.  
E nada há nas noites  
Frias de inverno, então,  
Que me traga temor ou impaciência.

Como poeta  
A vida, transformo em verbo!

## O QUE SOU ?

O relógio da Igreja Matriz  
Do Santíssimo Sacramento  
Bate em meu pulso;  
Os ônibus vermelhos da Coletivo Itajahy  
Transitam por entre minhas veias e artérias.

A universidade fica mais ao Sul  
As praias ao Leste, o rio a Oeste.  
Teu Norte  
É meu descanso e morte.

O que sou?  
Eu sou minha cidade.

## NEBLINA

Da janela do sótão  
Do velho casarão Burghardt  
Contemplo a cidade ser encoberta lentamente  
Por uma suave película.  
Neblina fina  
Que desfaz a paisagem  
E possibilita a nossa imaginação  
Deixar o mundo real  
Até o limite do imponderável.

As figueiras perdem seus troncos  
Rolas e pardais esquecem do passeio matinal  
Enquanto pessoas passam  
Sempre um pouco mais apressadas  
Com as pernas presas  
Aos ponteiros do relógio  
Da velha Matriz de Itajahy.

## PRIMAVERA LÚGUBRE

Adiou, até onde pode  
Tombar sobre a terra úmida  
Vazia de húmus  
Na ausência do seu corpo.

Agora, que deitou inerte  
Sobre a terra paciente  
O húmus de sua carne  
Faz florescer azaléias.

Adiou, no que pode  
Um final de flores.  
Mas, eis que as flores  
Já preparam a primavera  
Da sua carne.  
Afinal, homem,  
És apenas húmus  
Que da terra faz florescer  
Azaléias.

## NA FAZENDA

Aqui, onde a vida  
É feita de substantivos  
Guardo, quase esqueço,  
Os adjetivos.

Acordo cedo  
E fico observando a sabiá  
Caçando pequenos insetos  
Para alimentar um filhote  
Que a segue, aprendendo a vida.

Aqui, a morte  
Não se adjetiva:  
Uns morrem para outros  
Confirmarem a beleza da vida.  
Se é bom ou mau  
Disso não interessa saber.

Cavalos pastam  
No cimo de um outeiro  
E pássaros catam insetos  
Enquanto travo uma luta solitária  
Contra mosquitos impertinentes.

Palmeiros esguios  
Dão um tom mais forte  
Ao verde da Mata Atlântica  
Onde tucanos impõem  
Um canto rouco e desajeitado  
E tatus cavam no silêncio rasteiro  
Feito de sombras.

Aqui, onde a vida  
É feita de substantivos  
A água canta  
Correndo intrépida  
Por entre pedras lisas e brilhantes.  
Água fria, gelada,  
Que dissolve nosso cansaço  
E renova a vida.

Enquanto pássaros cantam  
A vida se renova  
E os homens reclamam  
Por tecnologias.

## FAZENDA SANTO ANTÔNIO

Aquele Natal  
Que passamos na Santo Antônio  
Ao lado de amigos  
Foi feito com molduras  
Para ser guardado na parede  
Da memória.

Ali, Papai Noel  
Chegava em carro-de-molas  
E se materializava  
Nos olhares crentes de nossas crianças.

Os corais natalinos  
Cantavam ao raiar do dia.  
Era a passarinhada  
Que do lado de fora dos quartos  
Nos galhos floridos de alamandas amarelas  
Desfaziam nossos sonhos e sonos  
Ainda nas primeiras horas  
De um dia molhado pelo orvalho frio.

Na fazenda Santo Antônio  
O Natal é verde  
E Papai Noel existe.



## CIVILIZAÇÃO

Entre animais e a mata atlântica  
Ouço o sino da pequena capela  
Anunciar a queda das horas.  
Já são oito horas  
E ainda não tomei consciência  
Das dores do mundo.  
Não vi televisão  
Não ouvi rádio  
Não li os jornais do dia  
Não falei com pessoas sobre  
As últimas notícias  
E todas as dores do mundo ...

O que foi feito das guerras?  
O que foi feito das tragédias?  
O que foi feito da violência urbana?

Nestes dias que passo na fazenda  
E a televisão não me mostra o mundo  
Fico intranquilo  
Com um sentimento doído  
De que estou traindo a civilização.

## **UMA VEZ FLAMENGO...**

Ouçó o hino do Flamengo  
E me sinto um pouco mais feliz.

O bafo da multidão  
Forma uma brisa campeã  
Que faz tremular,  
Soberana na Gávea,  
A bandeira da nação rubro-negra  
Flâmula de um eterno campeão.

## NEC PLUS ULTRA

Ouço o mar  
No choro cadenciado das ondas  
Que chegam intermitentes  
Riscando a areia morna  
Da praia dos Ingleses.

Da janela  
Do velho casarão  
Dos padres Salesianos  
Vejo a noite cair  
Desfazendo a linha do horizonte,  
Onde barcos de pesca  
Pontuam, como vagalumes,  
Impondo à natureza  
Tecnologia e indústria,  
Enchendo o mundo  
Das vontades e certezas do homem.

Não há mais  
A música natural da noite.  
As ondas do mar  
Se misturam às ondas do rádio  
Compondo uma sinfonia desafinada.  
O homem se construiu no barulho,  
E a civilização é uma orquestra  
Nem sempre melodiosa e agradável.

## **SINAL FECHADO**

Pelo retrovisor do carro  
Vejo a tristeza se aproximar:  
Tem o rosto de criança  
Tem o corpo de menino.

Na mão direita  
Carrega um pacote de manga  
Nos olhos castanhos  
Traz muito desânimo.

Nas esquinas da vida  
Quando o sinal está fechado  
Abrimos a consciência  
Para a realidade a nossa volta:  
Crianças abandonadas  
Vestidas de tristeza  
Clamam por centavos...

## SAPIÊNCIA

Magro  
Roto  
Sujo  
E torto.  
Todavia,  
Trazia no rosto  
Um olhar sereno  
De quem tudo via  
Tudo sentia.

Abandonou  
As coisas da civilização:  
Carro, sapato, pasta e relógio  
Ofício, convenção, compromisso.  
Abandonou  
O jogo das aparências  
Para tudo ver do melhor jeito.

Ficou magro  
Ficou roto  
Ficou sujo  
Ficou torto.  
Todavia,  
Aprendeu a ver o mundo  
Para além das aparências...  
E já nem sentia tanto prazer  
Em rir de toda essa gente  
Que se engana  
No cotidiano dos espelhos.

## SOLIDÃO

Triste coração  
Que bate vadio  
No peito abandonado  
Antes berço do amor pleno.

Vazio de tudo  
Cheio de nada.

Triste coração  
Que não sabe ser só.  
Cheio/vazio  
Batendo triste  
Batendo vadio.

## LIBIDO

Passe sua língua molhada  
Nas pontas dos dedos  
De minhas mãos soltas  
Provocando em minha boca  
A vontade de soltar sons  
Em tom de puro desejo.

Crave seus dentes brancos  
Na minha nuca  
Morda, mas morda suave  
Pressão de amor e desejo.  
Provoque um arrepio  
Por todo meu corpo  
E me faça te querer.

Pressione seu corpo  
Contra o meu corpo  
Finja, dissimule, brinque  
Não entregue o jogo.  
Faça o favor de fugir  
Não se entregue fácil,  
Que no final  
Tudo é mais compensador:  
Suor e cansaço no amor.

## SUICÍDIO FRACASSADO

Justo agora  
Que acabou toda a inspiração  
Bate este vento frio  
Trazendo emoção  
Varrendo de dentro da carne  
Vivências e reminiscências,  
Traumas, desesperos, gemidos  
De uma infância que não passa.

Justo agora  
Que havia  
Há pouco mais que segundo  
Desistido de tudo  
Bate este vento frio  
Trazendo arrepios, calafrios  
Lambendo da minha face  
Lágrimas de cristais  
Como se fora cadela no cio.

Justo agora  
Que não fora justo  
Comigo mesmo  
Bate este vento frio  
E diz para eu ficar  
Um pouco mais...  
Que não há motivos para desistir  
Coisa e tal.

Justo agora  
Que a corda justa  
Estava pronta para possuir meu corpo  
Desfazer meus medos  
Justo agora ...



## INJUSTIÇA

Eu, que não roubei  
Eu, que não matei  
Eu, que não cobicei a mulher do próximo  
Eu, que não bebi  
Eu, que não fumei  
Eu, que não trepei o suficiente  
Eu ... morri primeiro

Das minhas virtudes  
Recebi como paga  
A traição.

## **ÊXTASE**

Nada  
Além de sussurros

É o que resta  
Depois do beijo  
Do desejo desfeito  
Em realidade.

## INSPIRAÇÃO

O relógio marca  
Duas horas, quarenta e um minutos  
Meus olhos abertos  
Esquecem do sono.

Pela casa há sonhos  
Por todos os cantos  
E o silêncio da madrugada  
Faz brotar versos.

Palavras escorrem  
Por páginas brancas  
Enquanto as horas, bocejam  
Segundos e tédio.

## SEGREDO MAIOR

Amar não tem segredo  
É só esquecer de tudo ...  
Deixar para depois  
O que não for do amor.

Deixar trabalho  
Deixar amigos e futebol  
E se for amor de verdade  
Deixar carnaval, banho e seresta,  
Dança, cerveja e pão.

Amar não tem segredo  
É só esquecer de tudo ...  
Deixar pai, mãe e patrão  
Deixar praia, surf e luau.  
Esquecer de julgar  
    O que é certo, o que é errado  
Esquecer de escolher  
    O que é feio, o que é bonito  
Esquecer da razão  
E esquecer até de comer.

Amar não tem segredo  
É só esquecer de tudo.

## **JUNTOS**

Queria poder dormir  
Mais esta noite ao teu lado  
Largar meus braços  
Sobre teu corpo  
Ouvir a cadência de teu coração  
Teus suspiros, teus gemidos.

Queria poder dormir  
Mais esta noite ao teu lado  
Guardar teus sonhos  
Proteger teus desejos  
Maltratar teus medos.

Queria poder bater forte em teu travesseiro  
Até amoldá-lo ao teu rosto pálido  
Compartilhar espaço e lençóis  
Olhares e carícias.

Queria poder dormir ...

## PRINCESA

Enquanto dormes  
Marisa Monte canta baixinho  
Em um canto escuro da sala  
E a lua brilha sorridente  
Guardando teu sono e sonhos.

Enquanto dormes  
Violetas florescem  
E rosas no jardim  
Exalam perfume  
Protegendo teu corpo e desejos.

Enquanto dormes  
Fico quieto, observando ...  
    Pele suave  
    Cabelos ondulados  
Fico guardando amor e paixão.

Enquanto dormes  
Eu e as flores  
Cuidamos de ti.

## ENCONTRO EM UMA NOITE FRIA DE INVERNO

Nesta noite fria  
Em que fico parado  
Dentro dos teus olhos  
Castanhos-claro  
Embragado com tanto amor  
E pequenas doses de Amarula  
*“Wild Fruit Cream ...”*

Nesta noite fria  
Em que fico encoberto  
Por teus cabelos negros, ondulados  
Aquecido com tanto desejo  
E a voz suave de Adriana Calcanhoto  
Nos dizendo em tom de melancolia  
*“Nada ficou no lugar ...”*

Nesta noite fria  
De beijos e poemas  
Desejo não ver mais o verão  
Ou o dia amanhecer torto  
No escorrer natural das horas.

Nesta noite fria  
De juras e encontro  
Basta-me você.

## DESEJO ETERNO

Parece que foi ontem ...  
    Que te beijei pela primeira vez  
Parece que foi ontem ...  
Que criei coragem  
    Pra dizer “ti amo”  
Parece que foi ontem ...  
    Que ao te olhar ... desejei.

O tempo passou  
Mas não levou  
Meus sentimentos e lembranças.

Parece que é hoje ...  
    Que te beijo pela primeira vez  
Parece que é hoje ...  
    Que crio coragem pra dizer “ti amo”  
Parece que é hoje ...  
    Que ao te olhar ... desejo.



## INSÔNIA

É madrugada:  
As horas escondidas  
Por trás da lua cheia  
Passam mansas  
Sem pressa e sem destino.

Abandono meu corpo  
No sofá da sala.  
Vejo, no silêncio  
Que encobre sono e sonhos  
Minha própria imagem  
Refletida na tevê, desligada.

É madrugada:  
Pássaros, inventos e homens  
Dormem  
Enquanto fico jogado  
Pensando em nada.

Insônia  
Desfazendo sonhos  
Dando mais um tempo  
À realidade.

Rabisco versos  
Olho teu corpo  
Encolhido por debaixo dos lençóis  
Visito páginas de Foucault e Gramsci  
E ilumino meu corpo  
Ao abrir a porta da geladeira  
Para morder uma maçã  
Azeda, vermelha/verde.

Depois ...  
Depois de muito vagar  
Pelo silêncio nebuloso da noite  
Como escravo acorrentado às galés  
Por puro cansaço  
Tudo então, se desfaz  
Desfalecimento, esquecimento  
Sono profundo  
De quem perdeu o direito  
De sonhar.

## INSÔNIA

Águia negra  
Asas soturnas  
Batendo cadenciadas  
Canção noturna.

Águia soturna  
Asas negras  
Sombra fria  
Desfazendo intenções.

Águia noturna  
Asas frias  
Voando para além  
Abrindo meus olhos  
Mexendo meu corpo  
Sede, fome e desconforto.

Águia negra  
Garras afiadas  
Rasgando minha carne  
Maltratando as horas  
Do meu descanso.

Águia tirana, maldita  
Que grita estridente  
Desfazendo sonhos.

## RENDIÇÃO INCONDICIONAL

Quero te abraçar, suave  
Encostar meu rosto ao teu  
Largar meus lábios  
Próximos ao teu ouvido direito  
E sussurar poemas  
Feitos para você

Sussuros latejantes  
Jorro de paixão  
Quase confissão!

Quero te abraçar, suave  
Encostar meu rosto ao teu  
Compartilhar passos  
Na cadência de uma música lenta.

Passos sincronizados  
Ensaio de paixão  
Quase rendição!

Quero te abraçar, forte  
Morder teus lábios, suave  
Sussurar intenções  
Revirar lençóis  
Confessar meu amor  
Render-me aos teus encantos  
E odores....

AMOR

Qual moeda paga teu preço?  
Saudades!

Qual balança pesa teu peso?  
Desejo!

Qual termômetro mede tua temperatura?  
Felicidade!

Qual a métrica de teu corpo?  
Orgasmo!

CAÍ  
ENFERMO  
NA  
FEBRE  
DE  
TUA  
AUSÊNCIA.

## PARTIDA INDESEJADA

Uma mala preta  
No canto escuro  
Do quarto  
Cheia de saudades  
Ensaia acenos tímidos  
De despedida.

Sei que estás de partida  
Pretendendo voltar.  
Mas, a volta faz voltas, morena!  
Deixando o tempo a esperar.

Se pudesse dizer  
O que penso  
O que sinto  
Diria seco: Não vá!

## FLORIANÓPOLIS

Cruzo a Trajano com a Tenente Silveira  
E me percebo longe de casa  
Mais um na multidão  
Que já não consegue ver a beleza que há  
Nas árvores frondosas da Praça XV  
E os ladrilhos uniformes da Felipe Schmidt  
Cheios de pés  
Da capital catarinense.

Estar longe de casa  
Impossibilita olhar sem medo.  
Há sempre o temor  
De não se encontrar  
De se perder entre pés  
Ruas e praças.

Subo a Tenente Silveira  
Em busca dos livros antigos  
Da Biblioteca Pública do Estado  
Lá, traças e funcionários públicos  
Se multiplicam  
E os livros espiam, quietos  
Passos vagos de intelectuais dolentes.

Estou longe de casa  
Querendo voltar

## GRALHAS

Tenho voado mais alto  
E comido primaveras.  
Por isso meu hálito é perfumado  
Meu verbo nasce botão  
E espera o orvalho e a luz da manhã  
Para desabrochar multicolorido.  
Tenho comido primaveras  
E defecado sobre o mundo  
Semeando vida.  
Tenho sobrevoado desertos  
Para plantar sombras  
Ali defeco sementes de Siripiruna  
Acolá cuspo as de Bacopari e Cinamomo.  
No canto da boca, ou em minhas entranhas,  
Misturo sementes de Andá-açu, Flamboyant e Figueiras,  
Pinheiro-de-bola, Grevílea e Embaúba.  
Tenho voado mais alto  
Para ver o mundo e seus desertos  
Tenho comido primaveras  
Soprado Pau-Brasil e Estremosa,  
Pândano e Jacarandás.  
Tenho comido primaveras  
E meu hálito é fértil  
Vôo sobre as cabeças dos homens  
Para semear em suas consciências  
A Flôr-de Abril.  
Tenho comido vida  
E defecado aos pés desérticos da civilização  
Na indiferença, planto Magnólias  
No egoísmo, Ipê-Amarelo  
Na violência, planto Jasmin-Manga  
Na prepotência, Amendoeiras.

Tenho comido primaveras  
Fazendo a vida sorrir



## GOSTO/AGOSTO/DESGOSTO

Nasci a treze de agosto  
Numa rua de terra batida  
Em casa de madeira  
Cercada de flores e gente

Nasci a treze de agosto  
Cercado por madeira e cepilho  
Chatas argentinas no porto  
Prostitutas com lábios vermelhos  
Roseiras amarelas e boca-de-leão.

Nasci a treze de agosto  
Ao som do apito do trem  
Do estalar seco das rodas dos carros-de-mola  
Esmagando as pedras brancas da rua Max  
Sempre vestida de barro vermelho e poeira.

Nasci a treze de agosto  
E na vida lutei determinado  
A não morrer de desgosto.

## **PERMANECER**

O que quero saber do mundo?  
Nada quero saber do mundo  
Nunca ir além da minha cidade.

Maiakovski viajou demais  
Quis andar pelo mundo.  
Tivesse ficado em Bagdádi  
E não teria sido necessário  
O tiro no peito.

Este é o fim  
Daqueles que perdem a raiz:  
Morrer seco ou cometer suicídio.

Itajahy é minha raiz  
Nela, meu corpo, viceja.  
De resto, tudo é fronteira  
Da qual pretendo Ter notícias  
Esparsas e ao longe.

## À DERIVA

Nossa cidade-porto  
De ruelas e prostíbulos  
Hoje é cidade-universitária  
De avenidas e bares.

Ainda é cidade-sem-livros  
Onde vejo estivadores e estudantes  
Lendo os rótulos das garrafas de cervejas  
.... e é só.

Navios chegam festivos,  
Cervejas nas mesas  
Estalam geladas  
Mas livros não há.

As bibliotecas secas de passos  
As livrarias limpas de olhares  
Os livros ventilados, no rastro das traças.

Cidade-porto  
Cidade-universitária  
Prostíbulos ou bares  
Ruelas ou avenidas  
É tudo o que há.

## MAIAKÓVSKI

Chega agosto  
E o frio continua  
Castigando flores e corpos  
Arcados pelo vento preguiçoso das manhãs.

No quarto  
Cubro meu corpo magro  
Com mantas de lã  
E os versos incendiários  
De Maiakóvski.

Passo o dia  
Tomando chá de cana-de-cheiro  
Lendo e fazendo versos.  
A universidade está fechada  
E as pessoas tragadas  
Pela fúria do cotidiano.  
Passo o dia  
O dia passa  
Passo-passa  
Maiakóvski fica.

O frio continua  
Na agonia das horas  
Enquanto recluso no quarto  
Maiakóvski é meu dia.

## UTOPIA

Hoje  
Que acordo em pleno feriado  
Santificado por Nossa Senhora Aparecida  
E permaneço na cama  
Vendo pela janela  
A romaria dos fiéis  
Tortos, corcundas, vergados  
carregando todos os pecados ...

Hoje  
Que caminho lendo  
Henry Thoreau  
Pelas ruas de Cordeiros  
Como se Itajahy fosse Concord  
Como se fosse minha utopia...

Hoje  
Que caminho lendo  
Sobre o mundo  
Pelas ruas de Itajahy  
Como se fosse um lugar longe  
Imune à degeneração da espécie  
Como se fosse impermeável  
Ao egoísmo, à tragédia ...

Hoje  
Sinto que tudo poderia ser diferente  
Se pegássemos o fio da razão  
E déssemos corda no coração...

## LEITURAS PARALELAS

O quanto Sócrates escreveu  
Foi o quanto Buda escreveu  
O quanto Jesus escreveu  
O quanto Tiradentes escreveu:  
NADA!

O quanto de Sócrates lemos  
Foi o quanto de Buda lemos  
O quanto de Jesus lemos  
O quanto de Tiradentes lemos:  
TUDO!

Mas, como lemos Sócrates?  
Por que lemos Buda?  
Como lemos Jesus?  
Onde lemos Tiradentes?  
Na boca do povo!  
Na boca do povo!  
Na boca do povo!  
Na boca do povo.....

## ALIENAÇÃO

Cazuza chora  
    Na vitrola  
Fazendo coro  
Com a chuva que lacrimeja,  
Triste, lá fora...

Também choro  
Por dentro todo  
Sendo só lamento.  
A razão nos deixa órfãos  
A cada cena do noticiário da tevê:  
São Judeus matando muçulmanos  
Muçulmanos matando americanos  
E os brasileiros vendo tudo  
Como se aqui fosse  
    Outro planeta...

Cazuza chora, na vitrola  
A chuva cai em lágrimas  
Eu lamento pelo jornalismo cínico  
A razão desiste de todos  
E o mundo fica órfão...

Uma bomba cai  
E a tevê mostra a realidade  
Se fazendo pó.  
Tudo em detalhes,  
Direto e em cores.  
E há quem assista a tudo  
Comendo pipocas  
Acariciando seu cachorro poodle...

## MORRO DA CRUZ

Da janela do edifício Liberty  
Olho em direção ao Morro da Cruz  
E lembro das caminhadas, dos piqueniques  
De minha infância.  
Era um morro vestido pelo manto real  
    [verde em vários tons]  
da Mata Atlântica.

Da janela do edifício Liberty  
Olho para o Morro da Cruz  
E vejo em seu cume  
Uma coroa de antenas de tevês e rádios  
Com ferros pontiagudos  
Cravados na terra  
Fazendo jorrar sinais eletrônicos  
Como a coroa de espinhos  
Sangrando Jesus no calvário.

Morro da Cruz  
Que cumpre a sina de Jesus:  
Uma coroa encravada na cabeça  
E uma cruz por carregar  
Enquanto, passiva,  
A cidade olha ....



## PORTAL DA FELICIDADE

Roda pião

Roda sobre a minha mão

Tenho quarenta e cinco anos

E a cada giro tenho um a menos

Roda, roda....

Já sou criança, sou feliz

Vendo como na roda de pião

O pião roda.

## SIMPLES-MENTE

Li Bento Nascimento

À sombra de uma pata-de-vaca

Ouvindo o rio Itajahy-açu

Estalar marolas

No costado da

Avenida República Argentina;

Vendo o Itajahy-açu

Escorrer barcos, bateiras e água-pés

Como criança que põe

Entre suas mãos

Bolinhas de gude coloridas

Em quantidade que não suporta ....

Li Bento Nascimento

Olhando o rio

Olhando o cais

Olhando Navegantes e navegantes.....

## ALIENAÇÃO

Hoje sou um proprietário

E me vejo como homem-chave

Chave do portão

Chave da casa

Chave do quarto

Chave do escritório

Chave da gaveta

Chave do carro...

Só não sou proprietário de mim

De quem também não tenho a chave.

## FINAL DE TARDE EM CORDEIROS

E neste final de tarde  
Quando dezembro se refresca  
Na chuva arcada pelo vento forte  
E este vento despe o flamboyant  
Jogando sua veste avermelhada ao chão  
Nada mais quero  
Nada mais desejo.

Estou sentado  
Na velha cadeira-de-balanço  
    Que meu pai trouxe de Tijucas  
    Há muitas décadas de saudades  
Na varanda de uma pequena casa  
De frente para o sol que se põe vermelho  
Por trás das árvores e ruas  
De Cordeiros.

## TRISTES TRÓPICOS

Cada dezembro que passa  
Parece mais quente e febril.  
O consolo das coisas e das gentes  
Destes tristes trópicos  
É esperar a chuva dos finais de tarde  
Que a todos refresca piedosamente...

Não obstante  
Ao calor e aos suspiros de impaciência e irritação  
O Natal chega alegre  
Com suas árvores enfeitadas  
De neve .....

E Papai Noel bem agasalhado  
Com gorro e botas e blusa acolchoadas  
De mangas longas e calça comprida.

Cada dezembro que passa  
Parece que nos construímos  
Um pouco mais ridículos  
                  Como povo e como nação  
Porque permitimos árvores com neve  
Que sequer derretem a quarenta graus  
Enquanto Papai-Noel  
Sua como se chovesse.

Tristes trópicos  
De neve que não derrete.

## BLADE RUNNER

Em que tempo vivemos?  
Vivemos na pós-modernidade  
Onde grandes e vistosas placas publicitárias  
Encobrem por completo o céu.

Não há mais a luz do sol  
E o luar, o brilho das estrelas  
Foram substituídos pelo néon  
Colorido e vacilante  
Que pisca intermitente  
Hipnotizando a todos, indistintamente:  
Bichos, homens e clones.

## SOLITÁRIO/SOLIDÁRIO

Passei a tarde  
Comigo mesmo  
Lendo o poeta que sou.

Passei comigo  
Em companhia de quem está só  
Lendo e relendo  
Meus versos e reversos.

## É ASSIM ...

Lírios brancos, dalias  
Cheiro de vela queimada  
Lacrimando calor e amor  
Enquanto os pés dos amigos  
Pisoteiam sepulcros desconhecidos  
Como se fosse comum  
Morrer e ser pisoteado.

Na morte  
Não levamos nada  
Sequer, flores e lágrimas  
Inútil jogá-las  
Sobre o esquife-corpo-morto  
Que desce lento  
Ao encontro  
De seu destino.

Sabemos ....  
Logo em seguida  
A grama rasteira  
Vem cobrir na lápide negra  
A palavra saudade  
Enquanto o tempo  
Operoso, decidido no silêncio  
Das horas mais lúgubres  
Cicatrizas as feridas  
Com lascas finas de tristeza.

É assim ....



# POEMAS PARA RECITAR

**O GRITO DA TERRA**

Vejo pessoas caminhando  
Por uma estrada de chão batido  
Ladeada por cercas de arame-farpado.  
Passo a passo mais alegres  
Como se donas fossem  
Do seu destino.  
Quem são ?  
Onde vão?

Vejo pessoas caminhando  
Seguem alegres, falantes, apressadas  
Nas mãos, algumas carregam bandeiras  
Outras, facões, pás e enxadas.  
Hinos e refrões  
Sonoros coros ou simples berros  
Abafam o som da batida cadenciada  
Dos pés descalços na terra dura.

A cada passo mais exaustas  
A cada passo mais empoeiradas  
A cada passo mais rotas,  
Famintas e suadas...

Cansadas e sorridentes  
Quem são?  
Descamisadas e felizes  
Onde vão?

Vejo pessoas caminhando  
Quanto mais cansadas, mais unidas  
Quanto mais rotas, mais decididas  
Formando uma tertúlia  
Avidas por um torrão de terra  
Onde plantar futuro, sonhos  
Suor e compaixão.  
Tudo fazendo por uma pequena leiva  
Pedaço diminuto de chão.  
Querem apenas plantar arroz

Trigo e feijão.  
Uma pequena gleba  
Onde possam ver brotar a vida  
Colher a existência  
Com suas próprias mãos.

Apesar de ser  
Um sonho tão pequenino  
Não passa de ilusão.  
O que tem de justo, tem de proibido:  
A terra tem cerca, tem dono  
E os homens, há muito  
Desaprenderam a dividir o pão.

A cada passo  
A cada canto, então  
A paz parece mais distante  
Fardas e armas  
Reforçam as cercas  
Cada homem, como se fosse um mourão  
Fincado firme no solo  
Como esteio da grande propriedade  
Orgulho do senhor patrão.

Vejo pessoas caminhando  
Armas desfazendo sonhos  
E corpos caindo ao chão.  
Quem cai?  
Por que morre ?

Meu Deus! Meu Deus!  
É justo tombar na luta  
Um homem que apenas sonha  
Para os seus ?  
É justo !? Diga-me, por favor, Senhor!  
É J-U-S-T-O?  
Com tanta terra  
Com tanto gado  
Por que fazer de seu povo  
Um povo desgraçado ?

Se há comida – por que morrer de fome ?  
Se há terra – por que morrer peregrino ?  
Se há riqueza – por que viver roto, desvalido ?  
Por que morrer pária  
No meio do caminho ?  
Por quê ?

**MAR ETERNO**

Homens e barcos  
Deixam a barra do Itajahy-açu  
Cortando intrépidos  
As ondas do mar-azul  
Riscam o oceano  
Lépidos, decididos.  
Ali está José  
A cumprir sua sina  
Lacrar seu destino.

Quando a noite chega  
Longe da terra, perdido na imensidão  
José olha para o horizonte  
E vê, nítida, a face da morte:  
Nuvens encorpadas, negras  
Vez e outra iluminadas por raios,  
E remexidas por ventos fortes.

A morte tem corpo de tempestade  
E José tem consciência  
Que é hora do adeus.

Diante da tempestade  
Tem um breve lapso de tempo  
Para a vida ordenar  
Lembrar num lampejo  
De tudo que lhe fez sorrir  
De tudo que lhe fez chorar.  
A idéia da morte, traz forte  
Saudades de quem vai ficar.

Diante da tempestade  
Ensaia tímido, vacilante  
Uma alegoria de despedida:  
Aceno manso, vagaroso, trêmulo  
Em direção à terra  
Mensagem singela, derradeira  
Que sabe, jamais irá chegar.

Aceno solitário, monólogo dos escolhidos,  
Adeus, em tom surdo  
Abafado pelos trovões  
Que começam a rufar.

Quando os primeiros ventos chegam  
Penetram em seus ouvidos  
Como línguas lânguidas,  
Voluptuosas ao mesmo tempo que mórbidas.  
José, então, olha firme  
Sempre para a frente:  
Raios, trovões, vagas gigantes  
Nada mais lhe causa pavor  
Pois da morte viu o semblante.

Para José  
O mar é um túmulo azul  
Cuja lápide, espelho d'água  
À noite reflete estrelas e luar.

Mas, para quem fica em terra  
A espera é sempre suplício:  
Esperança de reencontro.  
Como o aceno de despedida  
    É certo ... não irá chegar  
Teu choro será infinito, morena,  
Pranto salgado de mar.

Oh infortúnio! Oh tristeza aguda!  
Não poder dizer adeus  
A quem tanto se ama.  
E a ti, morena, nada mais resta, senão,  
De joelhos, rezar com devoção  
Frente ao altar de Nossa Senhora  
Dos Navegantes.  
Súplicas e choro  
Aumentando as ondas do mar.



**PAI MARINHEIRO**

Pai!  
Em que mares  
Refletias olhares perdidos  
E teu rosto esfolado de saudade  
Quando espetei meu pé alvo  
De pele fina e sensível  
No espinho da roseira  
Que cobria a cerca da casa da vizinha?

Em que porto  
Amarravas o Loyd Princesa Isabel?  
Em que idioma  
Falavas e sorrias  
Quando peguei sarampo e catapora?

Que dinheiro  
Davas de esmola?  
Que tempestade  
Fazia tremular mais forte  
A bandeira brasileira?  
Que ruas pisavas  
Que bares visitavas  
Enquanto eu, por aqui,  
Apenas te esperava?

Pai!  
Que vias, enquanto teu filho  
Mirava saudoso o mar das Cabeçadas?  
Que sentias, enquanto teu filho  
Visitava desnorteado  
O porto vazio?

Pai!  
Eu já havia nascido  
E aguardava teu beijo de pai  
Estavas na Rússia

E mandavas notícias  
Sobre o frio e a miséria do povo.  
Estavas na Rússia  
Enquanto meu corpo já parido  
Pedia calor.  
Estavas na Rússia  
Longe, muito longe,  
Deste Brasil e de mim  
O filho que te esperava  
Para ser reconhecido e amado.

Pai!  
Onde estás?  
Preciso te contar  
Que estou apaixonado  
Preciso te contar  
Que briguei na escola  
E que decidi ser poeta.

Pai!  
Onde andas?  
Não importa! Não me importo!  
Navegue rápido  
Aproveite o sopro decidido da tempestade  
E venha até mim  
Preciso te contar  
Que ganhei roupa nova  
Pois fiquei moço  
E troquei a calça-curta por uma longa  
E a barba já desponta  
Em meu rosto  
Que abriga o choro da tua ausência.

Pai!  
O Loyd risca os mares  
E corta meu peito  
Liberando de minhas entranhas  
Amor e paixão  
Deixando no raso das praias  
Dor e solidão.

Pai!  
Minha tristeza tem nome:  
Loyd Brasileiro  
Vê se volta  
Não vá mais longe  
Vê se volta, pai!  
Não vá tão longe.  
O tempo é faca afiada  
A distância chicote de couro no cio.  
Não vá além da Rússia  
Que minha tristeza tem nome  
E geme, a cada dia, mais triste.

Pai! Pai! Pai! Pai! Pai...  
Agora é tarde ...  
E já não é possível te mostrar  
Meu filho, teu neto.

Pai!  
Descanse em paz  
Entre as lágrimas de saudades  
Que derramamos  
- pai e filho -  
lavando os caminhos do mundo  
que saem da Rússia em direção ao Brasil  
e terminam em uma cova rasa  
simples, quase secreta ou esquecida  
no Cemitério Municipal da Fazenda.

Pai!  
Não vá longe  
Que espero segurar em sua mão  
Beijar sua face, olhar fundo nos seus olhos  
E dizer com ternura: Pai, eu te amo!

CAPA DA SEGUNDA EDIÇÃO

# *FOGO-FÁTUO*

O Diário de um Poeta Triste

**MAGRU FLORIANO**



Editora  
Brisa Utópica  
Itajaí - 2001